



## Anais do Simpósio de Prática e Ensino de Línguas – SIMPEL

### GÊNEROS TEXTUAIS E VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS NO ENSINO FUNDAMENTAL

Lucas Souza Ferreira da Silva  
(UEG – Câmpus Inhumas)  
Josiane Ferreira da Costa  
(UEG – Câmpus Inhumas)  
Luciana Maria Torres  
(UEG – Câmpus Inhumas)  
Maria Margarete Pozzobon  
(UEG – Câmpus Inhumas)

**RESUMO:** Este relato apresenta as experiências vivenciadas no decorrer do estágio supervisionado em Língua Portuguesa I realizado em uma escola pública de ensino fundamental de Inhumas. O presente trabalho consiste em relatar, discutir e analisar todo o processo que os estagiários percorreram, desde a observação do contexto escolar ao planejamento e execução das aulas, destacando as reflexões propiciadas a partir dos resultados obtidos pelo grupo de estagiários do curso de Letras, Licenciatura em Português/ Inglês, da Universidade Estadual de Goiás, UEG Câmpus Inhumas. As aulas ministradas foram planejadas considerando o diagnóstico de uma situação problema a partir das observações, por isso, deve-se levar em conta o contexto de sala aula para compreender o relato. O público alvo do projeto desenvolvido foram alunos do 6º ano, divididos em turmas bastante heterogêneas, fator que exigiu dos estagiários a percepção de algumas particularidades na condução das aulas, visando a uma efetiva aprendizagem dos conteúdos propostos. Além disso, o contexto e regime estabelecidos pelo colégio foram fatores que contribuíram para as reflexões e aprendizagem dos estagiários.

**PALAVRAS - CHAVE:** Experiências. Práticas. Reflexão.

### INTRODUÇÃO

A experiência aqui relatada consiste no desenvolvimento do Estágio Supervisionado, a partir de atividades de observação do contexto escolar, as quais propiciaram uma visão geral sobre a Instituição em seus aspectos administrativos, docente e discente, bem como os pedagógicos.

O contexto presente é uma escola de ensino fundamental, e como mencionado no resumo, foram trabalhadas turmas de 6º anos no período vespertino, sendo um total de 12 aulas.



## **Anais do Simpósio de Prática e Ensino de Línguas – SIMPEL**

Observamos a escola campo e notamos questões interessantes que precisavam ser trabalhadas no decorrer das aulas de Português. Foi possível notar que a escola adotou uma postura em relação à linguagem dos alunos, exigindo assim, a norma culta estabelecida pela gramática. Devido a isso, nos deparamos com certas situações dentro da sala de aula que apontava para essa questão, pois quando algum aluno se dirigia à professora através da forma coloquial, esta corrigia e exigia a norma “correta”.

Ao concluirmos que as turmas eram bastante heterogêneas, chegamos a possíveis questionamentos sobre como trabalhar com a variação linguística e, para que isso ocorresse, selecionamos os tipos de textos que poderiam trabalhar com essa questão, como por exemplo os “Causos”. Escolhemos também os mitos e as lendas para motivarmos os estudantes nas aulas de Português, e assim promovermos uma maior interação com a turma. Para tanto, nossos objetivos foram pautados em utilizar os gêneros textuais mito, lenda e causos a fim de alcançarmos os objetivos citados anteriormente.

Por fim, no período de regência foi desenvolvido o projeto de Estágio denominado “Gêneros Textuais e Variações Linguísticas no ensino fundamental” do curso de Letras da UEG- Inhumas, destinado a alunos do Ensino Fundamental. A proposta desenvolvida teve como prioridade trabalhar a leitura e interpretação de textos de diferentes gêneros, os quais, de acordo com o planejamento da professora eram: Lenda, Mito e Causos.

Foram ministradas oito aulas para os 6º ano do ensino fundamental, nas quais privilegiamos mostrar a caracterização desses gêneros, as diferenças e algumas semelhanças entre os gêneros, bem como as variações linguísticas por meio dos textos, sobretudo os causos. Enfatizamos às diferentes formas de falar, atentando para o fato de não haver o certo ou o errado na maneira de um indivíduo se expressar, existindo diversos fatores (geográficos e socioculturais) que contribuem para a variação linguística. Pretendíamos que eles entendessem que o importante não é o uso da linguagem em si, mas sim a mensagem comunicada entre os falantes, ou seja, se realmente há comunicação entre os indivíduos.

Segundo Oliveira (2010), todos nós sabemos Português, porém acreditamos “piamente” não saber. O autor exemplifica essa questão quando vai lecionar linguística para turmas de calouros, e por isso sempre pergunta: “você sabem Português?”. Baseado nas



## Anais do Simpósio de Prática e Ensino de Línguas – SIMPEL

respostas dos alunos, o autor percebe que o saber “Português” está ligado a dominar a norma padrão. Entretanto, ele mostra aos alunos que “... as diferenças existentes entre as formas que as pessoas falam não têm nada a ver com a ideia de que determinadas formas de falar estão certas ou erradas: tem a ver, apenas simplesmente, com diferenças, apesar de toda a força e de todo esforço dos puristas para nos fazer crer na idéia ridícula de que há brasileiros que matam a língua portuguesa por falarem algo que supostamente não é português.” P. 39

Mediante a fundamentação acima, podemos reconhecer esse fator no contexto no qual estávamos inseridos no percurso do estágio. A escola adota uma postura literalmente “ridícula”, segundo o autor. Deparamos-nos com alguns momentos assim, entre eles: “Professora, eu vou copiar de caneta.” A professora responde: “De caneta?! É de caneta que você vai escrever ou seria À CANETA?” Outro exemplo: “Professora, eu di a minha tarefa mas a senhora não olhou.” A professora respondeu: “Eu di?! Será que existe essa flexão menino? Eu quero que você conjugue EU DI para todas as pessoas!” Isto posto, buscamos elaborar o projeto com base no autor e nas situações na qual presenciamos. Oliveira (2010) defende que:

Saber português significa não apenas ter o domínio inconsciente das estruturas gramaticais, das regras que regem essas estruturas e do léxico, mas também ter o domínio de normas socioculturais de comportamento que nos possibilitam interagir uns com os outros. Saber português não é a mesma coisa que dominar a nomenclatura gramatical registrada pelas gramáticas normativas nem saber explicar as construções gramaticais. (OLIVEIRA, 2010, P. 40).

Por conseguinte, Oliveira (2010, p. 43) postula:

Ajudar o estudante a aprender a se comportar linguisticamente em diversas situações de interação social é o objetivo principal das aulas de português, que não deveriam ter como foco principal o ensino da gramática normativa por meio da nomenclatura que a descreve de forma inconsistente. Ensina-se português aos brasileiros para ajudá-los a desenvolver sua competência comunicativa.

Entender a linguagem enquanto ação social é importante para orientar o trabalho educacional. É de fundamental relevância compreender a linguagem como parte de um processo de interação em que o aluno faz uso da língua, para realizar ações, agir, atuar e se



## **Anais do Simpósio de Prática e Ensino de Línguas – SIMPEL**

constituir a partir dessa relação estabelecida com o outro no contexto da sala de aula, não é significativo trabalhar com apenas uma variedade linguística, pois os alunos são sujeitos sociais e dinâmicos, por isso apresentam uma pluralidade de culturas que se constitui pelas influências do convívio social, que precisa ser respeitado por suas características, para que o próprio possa aprender outra variedade padrão que possa auxiliá-lo nas diferentes relações sociais e que possibilite o acesso a culturas diferentes. E um dos grandes riscos que o professor corre assumindo tal prática é o de não possibilitar a vivência sobre a linguagem, nem de articular um trabalho dinâmico a respeito da língua.

Perini (2000) ressalta que os objetivos da língua materna estão mal colocados. “Deve-se estudar gramática para saber mais sobre o mundo, não para aplicá-la à solução de problemas práticos tais como ler ou escrever melhor. É assim que sugiro que seja reformulado o objetivo do estudo de gramática na escola”. (PERINI, 2003, p. 55 e 56).

Para tanto, se fez necessário buscar fundamentação em Antunes (2003, p. 37), “É, pois, um ato de cidadania, de civilidade da maior pertinência, que aceitemos, ativamente e com determinação, o desafio de rever e de reorientar a nossa prática de ensino da língua”.

Segundo os PCN, ao professor de LP cabe a tarefa de desenvolver no aluno a capacidade de comunicar-se em qualquer contexto no qual ele se encontre, ou seja, de “realizar uma atividade discursiva” (PCN, 1998, p. 20).

Sabendo que a aprendizagem e o uso de uma língua estão diretamente implicados com a constituição das identidades culturais, entram em jogo nesse processo: relação de poder com o contexto histórico, negociação de sentidos interação e expectativas envolvidas nas práticas da linguagem. Como afirma Antunes (2007, p. 123) “Existem forças ocultas, interesses múltiplos, desde a esfera das políticas governamentais (a educação é, de fato, prioridade nacional?) até o domínio menor da administração escolar [...] interesses que impedem de se implantar, de fato, nas escolas uma prática de ensino que priorize, em cada canto, em cada momento, o desenvolvimento de competências textuais e discursivas.”

### **METODOLOGIA**



## Anais do Simpósio de Prática e Ensino de Línguas – SIMPEL

Considerando a situação problema diagnosticada no contexto da sala de aula, pensamos em uma proposta de trabalho que pudesse mostrar para os alunos a perspectiva da variação linguística. Assim, procuramos destacar, a partir da leitura de textos de diferentes gêneros, que a linguagem varia por fatores diversos, tais como os geográficos e os socioculturais.

A aula iniciou com levantamento de conhecimentos prévios dos alunos sobre noções de língua e linguagem. Perguntamos aos alunos o que entendiam por linguagem, e quais exemplos de linguagem que conheciam. A partir das interações chegou-se ao consenso de que linguagem é toda forma de comunicação, e os exemplos de poderíamos observar são: música, dança, pintura, cinema, etc.... Seguindo essa linha de pensamento, fizemos outro questionamento: “Será que há apenas uma forma correta de falar o português? O que é linguagem padrão e o que é linguagem culta?”

A partir dessa discussão com boa participação dos alunos, introduzimos o conteúdo variação linguística, com a leitura de textos dos gêneros causa e tirinha. Privilegiamos as tirinhas dos personagens Chico Bento e Cebolinha, justamente para mostrar e enfatizar a fala desses personagens em função de fatores geográficos e socioculturais.

Discutimos os textos fazendo com que os alunos percebessem não só as informações que estão na superfície do texto, mas que procurassem compreender as informações implícitas. Em seguida, propusemos uma produção de texto, em que os alunos deveriam escrever uma carta de acordo com o seguinte contexto: Teriam que se colocar no papel de Chico Bento, e justificar sua falta à aula no dia da prova e pedindo à professora que desse mais uma chance e aplicasse outra prova à ele.

Na sequência trabalhamos os gêneros mito e lenda, o qual foi introduzido empregando a estratégia de antecipação ou predição. Para Oliveira (2010, p. 71)

Prever o conteúdo de um texto faz com que o leitor ative esquemas mentais e o ajuda a construir hipóteses sobre o texto. Acostumar os alunos a explorarem o título, o subtítulo e as imagens de um texto para prever seu conteúdo é importante para conscientizá-las acerca de um fato de que eles



## **Anais do Simpósio de Prática e Ensino de Línguas – SIMPEL**

geralmente se esquecem: um texto não é formado necessariamente só por palavras, pois ele pode também possuir imagens e cores significativas.

Levamos a imagem de um pássaro e perguntamos qual seria o nome do pássaro. Depois de algumas dicas e idéias, falamos que o nome do pássaro era “Uirapuru”. Com isso, introduzimos lendas e mitos aos alunos. Trabalhos com a leitura dinâmica para maior interação: cada aluno deveria ler uma palavra, isto é, teríamos que ler um parágrafo inteiro apenas com a leitura de uma palavra por parte de cada aluno. Foi um momento bastante divertido, pois os alunos muitas vezes eram desatentos, e todas as vezes que erravam, tínhamos que voltar no início do texto. Trabalhamos também com exercícios e discussões.

### **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Ficamos surpresos com a participação e o conhecimento por parte dos alunos e ao passarmos o conteúdo, eles nos mostraram que já conheciam, facilitando assim a realização das atividades que havíamos proposto.

Já nas primeiras aulas ficamos surpresos com a boa participação e o conhecimento por parte dos alunos acerca das noções de língua e linguagem. Ao realizarem a atividade de produção textual colocando-se no lugar do personagem Chico Bento, verificamos textos bastante significativos e reveladores do nível de linguagem dos alunos. Foi interessante, pois, tiveram diversificadas justificativas em suas produções, e eles compreenderam o que nós propusemos.

No 6º ano C havia um aluno com problemas de aprendizado e falta de motivação, contudo não houve nenhuma relutância da parte dele durante a realização das atividades. Ao termino de nossas atividades e aulas, satisfeitos com o desempenho dele, fizemos uma singela homenagem, e notamos que além de gostar, ficou muito emocionado. Contudo, podemos dizer que nossa proposta desenvolvida teve sucesso, pois os alunos mostraram gostar muito das aulas e sempre dando suas opiniões acerca das nossas propostas, até mesmo o garotinho citado interagiu bastante.



## **Anais do Simpósio de Prática e Ensino de Línguas – SIMPEL**

Tivemos a preocupação de selecionar procedimentos e recursos didáticos variados e que pudessem chamar a atenção dos alunos. Desenvolvemos o planejamento com domínio dos conteúdos e sempre dando voz aos alunos, conduzindo-os no processo de ensino e de aprendizagem de modo interativo, demonstrando preocupação com a participação e aprendizagem dos mesmos. Podemos concluir que os objetivos propostos foram alcançados.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Considerando o relato acima e a disciplina de estágio, nós estamos certos de que conseguimos alcançar algum dos objetivos propostos em relação às aulas. Foi um trabalho honroso e que valeu à pena.

Em relação à disciplina de estágio em geral, tanto na parte de Língua Inglesa como na parte de Língua Portuguesa, sentimos que não foi fácil conciliar os trabalhos e relatórios com a experiência “ser professor”. Devido aos relatórios, trabalhos e apresentações, não conseguimos manter o foco na experiência de dar aula devido a quantidade de atividades propostas tanto nas disciplinas de estágio quanto no terceiro ano do curso de letras em geral. Pensamos que as duas disciplinas de estágio fossem separadas, isto é, se o curso de Letras aumentasse mais um ano, e nesse último ano, ou se esse ano fosse durante o terceiro ano, poderíamos nos dedicar 100% nas disciplinas de estágio, teríamos tempo para ler toda a apostila e teríamos mais tempo para observar as aulas em um prazo maior e ter mais experiências de dar aula que foram tão boas e tão curtas.

Contudo sabemos que isso não é possível, e com isso lamentamos não termos conseguido absorver os dois lados, tanto teórico e prático, mas podemos perceber que o estágio foi uma experiência que nos levou a refletir sobre o ensino de língua materna e nos ensinou a superar algumas fragilidades. Verificamos o quanto a teoria estudada é importante para fundamentar nossa prática docente

Diante disso, podemos constatar que não apenas passamos o que nós adquirimos e aprendemos na prática, pois aprendemos muito com os alunos, foi um retorno gratificante.



## Anais do Simpósio de Prática e Ensino de Línguas – SIMPEL

Foi possível também associar a educação ao que revela Freire (1996, p. 21) “[...] ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”.

### REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Irandé. Aula de português: encontro & interação. São Paulo: Parábola, 2003. (Série Aula; 1).
- ANTUNES, Irandé, 1937- Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho/ Irandé Antunes. – São Paulo: Parábola Editorial, 2007. (Estratégias de ensino; 5).
- BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: 3º e 4º ciclos do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa. Brasília/DF: MEC/SEF, 1998.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo. Paz e Terra, 1996.
- OLIVEIRA, L. A. *Coisas que todo professor de português precisa saber: a teoria na prática*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- OLIVEIRA, Luciano Amaral. Coisa que o todo professor de português precisa saber: a teoria na prática. São Paulo: Parábola, 2010. (Estratégias de ensino; 17), Capítulo 1, “5 coisas que todo professor de português precisa saber”, capítulo 2, “O Ensino Pragmático da Leitura”. (O que é saber Português?), p. 38 – 39.
- PERINI, Mário A. Sofrendo a Gramática. São Paulo: Ática, 2003.